

Uma reflexão sobre a Linguística Geral e o aspecto vocal

A Reflection about General Linguistics and the Vocal Aspect

Raphaela Machado

Monteiro Chittolina

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Porto Alegre | RS | BR
raphaelamonteiro@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9269-6820>

Resumo: Neste artigo, com o objetivo de reforçar que o aspecto vocal é um fenômeno que deveria interessar ao linguista de qualquer área do campo linguístico, propomos uma reflexão sobre o aspecto vocal para a linguística geral. Dessa maneira, primeiramente, apresentamos nosso princípio epistemológico e, em seguida, nosso ponto de vista linguístico e teórico. Após esclarecer nossa base teórica, a qual é norteada pela teoria da linguagem de Émile Benveniste e pela sua ótica enunciativa, fazemos uma pequena discussão sobre a indefinição de como denominar o próprio campo linguístico atualmente. Em seguida, passamos a falar do mutismo que há acerca dos estudos do aspecto vocal nesse campo devido à quase ausência de pesquisas sobre o fenômeno. De um ponto de vista benvenistiano enunciativo, então, esboçamos, de maneira breve, o nosso olhar para o aspecto vocal. Finalmente, a fim de contribuir para mais estudos sobre o aspecto vocal, trazemos, de modo resumido, outros trabalhos que investigam o aspecto vocal como forma de incentivar que outras áreas linguísticas no país também considerem tal aspecto enquanto interesse de pesquisa.

Palavras-chave: aspecto vocal; enunciação; voz.

Abstract: In this article, with the aim of reinforcing that the vocal aspect is a phenomenon that should interest linguists in any area of the linguistic field, we propose a reflection on the vocal aspect for general linguistics. In this way, firstly, we present our epistemological principle and then our linguistic and theoretical point of view. After clarifying our theoretical basis, which is guided by Émile Benveniste's theory of language and his enunciative perspective, we briefly discuss the lack of definition of our linguistic field. Next, we talk about the mutism



that exists in studies of the vocal aspect in this field due to the almost total absence of research on this phenomenon. From a Benvenistian enunciative point of view, then, we briefly outline our look at the vocal aspect. Finally, in order to contribute to further studies on the vocal aspect, we briefly summarize other works that investigate the vocal aspect as a way of encouraging other representative linguistic areas in the country to also consider this aspect as a research interest.

Keywords: vocal aspect; enunciation; voice.

1 Introdução

Muito se veem as palavras *linguística* e *epistemologia* juntas, mas se problematiza apenas a linguística. Assim, neste artigo, nosso primeiro passo é definirmos qual epistemologia para, então, definirmos qual linguística. De todo modo, é bem verdade que permanecemos, enquanto linguistas, questionando o que é isso que, de fato, fazemos e se o que fazemos é ciência. Além disso, um campo que tem influência de tantos outros – como o da antropologia, da filosofia, da psicologia etc. – pode ser denominado apenas *linguística* ou a denominação mais apropriada seria *as linguísticas*, ou ainda, *linguística geral*?

Nossa hipótese é que a *linguística geral*, o campo, reúne *as linguísticas*, as áreas, cada uma no seu singular. Não só isso, acreditamos também que há outro fator que as une e que, muitas vezes, o próprio linguista não se dá conta ou procura não se aproximar: o falante e, junto dele, o seu aspecto vocal¹ – o qual deveria interessar a qualquer área linguística, por se tratar da voz humana, presente em todo falante. Assim, nosso segundo passo é problematizar o distanciamento de outras áreas linguísticas que não se interessam pelo fenômeno do aspecto vocal. Ancorados na perspectiva benvenistiana da enunciação, apresentaremos uma pequena reflexão considerando que o som não é sinônimo de aspecto vocal e que, nesse último há, enquanto momento enunciativo, uma unicidade.

2 Qual epistemologia acompanha a linguística?

O campo da linguística, como se sabe, carece de uma definição unívoca acerca do que, de fato, é a linguística. Frequentemente, a vemos ligada ao entendimento da epistemologia.

¹ Optamos pelo uso da expressão *aspecto vocal* em função da perspectiva teórica que seguimos, isto é, a enunciativa benvenistiana. Émile Benveniste, em seu artigo denominado “O aparelho formal da enunciação” (1970), afirma que um dos processos pelos quais a enunciação pode ser estudada é, justamente, pelo seu aspecto vocal. De qualquer maneira, não estamos aqui fazendo distinção de significação na forma a qual comumente se denomina o aspecto vocal, ou seja, simplesmente a voz. Nossa intenção, ao utilizar a expressão aspecto vocal, neste artigo, é unicamente a de seguir a maneira como vimos enunciar o linguista que rege nosso aporte teórico.

Entretanto, a epistemologia também não tem uma significação bem definida. Isso pode ser visto em diversos autores como Martin (2003), o qual afirma, em sua obra, voltada ao entendimento da linguística, que a epistemologia diz aquilo que uma ciência se propõe e de qual maneira se propõe. Já Colombat, Fournier e Puech (2017, p. 38), ao apresentarem a história das ideias linguísticas, definem a epistemologia enquanto “filosofia das ciências, isto é, o estudo crítico das ciências, consideradas como dados em seus desenvolvimentos e os seus resultados”.

Ora, essa pequena comparação já mostra que até mesmo o termo “epistemologia” também não se faz tão óbvio quanto talvez pareça, pois apenas um acréscimo que remete ao campo da filosofia, tal qual a citação anterior, é capaz de reconfigurar o olhar que se tem para determinado sentido lexical, o que, muitas vezes dificulta ainda mais o devido entendimento sobre os fundamentos que regem o campo da linguística. Dessa maneira, se faz importante que especifiquemos, primeiramente, a epistemologia que acompanha o ponto de vista linguístico presente neste estudo.

A perspectiva epistemológica que aqui será seguida é guiada pela linguística enunciativa de Émile Benveniste, o qual delimita a epistemologia como a teoria do conhecimento. O linguista afirma que há, ainda, muitas possibilidades de epistemologia, visto que, de acordo com o autor, nada está dito por antecipação. Contudo, ressalta que “a linguística é uma epistemologia, pode-se considerá-la como tal” (Benveniste, 2006, p. 38, grifo nosso). Com esse princípio epistemológico linguístico aqui colocado, passamos prontamente ao ponto anteriormente apresentado: a dificuldade de significação e de entendimento da própria linguística enquanto campo disciplinar.

3 A linguística acompanha um ponto de vista

É a partir do século XIX que o linguista deixa de ser um mero especialista em línguas em sua diversidade e passa a ser aquele reconhecido por deter um novo tipo de saber, de acordo com Colombat, Fournier e Puech (2017). Mas o que seria esse novo tipo de saber? Até hoje, o próprio linguista se questiona da sua ciência e do que pode ser considerado ciência dentro do seu estudo. Podemos afirmar, ao menos, que se trata certamente de um saber voltado a reflexões que permeiam questões voltadas à linguagem e à língua; entretanto, ainda atualmente não vemos uma unicidade de objeto quando o assunto é o da linguística. Isso pode ser facilmente percebido. Para isso, voltemos rapidamente a Martin (2003).

Antes de adentrar os diferentes caminhos linguísticos que apresenta em sua obra, o autor define a linguística enquanto uma disciplina empírica que incide sobre *um objeto* para preexistir o seu estudo. Um outro exemplo é a obra de Othero e Flores (2023). Os autores, ao escreverem sobre os múltiplos domínios da linguística nos dias de hoje, reforçam que não existe apenas *uma única maneira* de fazer linguística, nem mesmo uma única linguística, visto que há várias linguísticas, bem como várias formas de praticá-las. Logo, se, por um lado, para Martin (2003) há uma linguística *com o seu objeto*; por outro lado, para Othero e Flores (2023), há muitas linguísticas e, consequentemente, *muitos objetos*.

A percepção linguística de Othero e Flores (2023), porém, tem ainda mais uma particularidade: não por acaso, podemos relacionar essa ideia ao pensamento saussuriano. Isso porque, como dizia o Saussure do *Curso* “bem longe de dizer que objeto precede o ponto de

vista, diríamos que o ponto de vista que cria o objeto" (Saussure, 2013, p. 39). Assim, sendo cada linguística um ponto de vista, por conseguinte, cada uma tem de ter o seu próprio objeto.

Nessa direção, talvez pareça possível afirmar que o ponto de vista de que se constitui cada linguística é, na verdade, a teoria na qual cada linguística se baseia. Portanto, até a linguística que se denomina apenas, por exemplo, linguística aplicada, na realidade sempre está norteada por um ponto de vista teórico que possibilita um modo de olhar para o seu objeto. Trata-se, assim, de *um dos tantos* modos de olhar.

Acerca disso, é preciso também relembrar a reflexão de Milner (2023), pois o autor expõe um complexo raciocínio sobre a científicidade da linguística em que sintetiza, entre outros tantos pontos instigantes, que a linguística é uma ciência sem observatório. Isso porque "as ferramentas da experimentação constroem a instância do observatório" (Milner, 2021, p. 147), mas não há ferramentas nem observatório na linguística. O que se passa por observatório, de acordo com suas palavras, já inclui fragmentos de teoria linguística. Sendo assim, "a linguística não tem outro recurso a não ser ela própria para estabelecer a divisão entre o possível e o impossível da língua" (Milner, 2021, p. 151).

Se bem compreendemos o que nos disse Milner (2021), a linguística, diferentemente de outras tantas áreas (como a química, a física, etc. – as quais têm o seu observatório) não tem recursos para ser refutada, por isso ela não tem ferramentas. O seu recurso, então, é a *própria* língua. Logo, estamos lidando com uma ciência que tem de contar com ela mesma. Diante disso é que o autor considera a linguística enquanto *ciência única*.

A partir dessa exposição, o autor explica que a linguística tem duas possibilidades. A primeira possibilidade é a de recorrer ao dispositivo para simular o observatório a fim de precisão empírica e de dados observáveis. A outra possibilidade da linguística é a de permanecer vaga, renunciando à atribuição de propriedades específicas a seu objeto, isto é, sendo uma linguística que não simula um observatório. Trata-se, enfim, de um outro tipo de linguística, com apresentações mais amplas e que costuma operar com conceitos e com relações mais gerais.

Neste artigo, entendemos estar na segunda possibilidade de linguística, ou seja, na linguística que não tenta simular um observatório como dispositivo. Tal entendimento se dá porque, se toda a linguística é, de fato, guiada por um ponto de vista e esse ponto de vista é teórico, como acreditamos que seja, a linguística na qual nos baseamos é a benvenistiana, conforme vimos já no nosso princípio epistemológico. Seguir tal ponto de vista significa teorizar a partir de um olhar geral da linguagem, já que Benveniste não esboçou, no conjunto de sua obra, um modelo pronto para as suas reflexões entre a linguagem e o homem na busca da significação.

Na realidade, os estudos benvenistianos apresentam uma teoria da linguagem em que atravessa, em suas análises, o ensinamento de que o homem está na língua. Diferentemente do que se espera em análises feitas a partir de um modelo, a visão linguística benvenistiana é ampla e versa com outros campos como a antropologia, a psicologia, a filosofia etc. – tal qual tem sido, se paramos para pensar, o status de interdisciplinaridade do próprio campo da linguística hoje no Brasil. Assim, posicionamos a linguística a qual nos filiamos neste estudo na segunda possibilidade esboçada por Milner (2021), àquela cuja reflexão está despreocupada da intenção de simular o seu dispositivo.

Acerca da influência de campos, como a antropologia e a filosofia, podemos pensar mais na palavra interdisciplinaridade. Embora essa relação de campos seja muito produtiva, também pode gerar muita confusão, pois agora, talvez também por isso, nem sempre saibamos mais como devemos nos referir ao nosso próprio campo: a *linguística*, as *linguísticas* ou a *linguística geral*?

Neste item que nos detemos até o momento, falamos um pouco sobre a linguística no singular e esclarecemos qual a linguística nos ancoramos – a de base benvenistiana. Parece-nos necessário, porém, esboçarmos, brevemente, o que pensamos sobre o uso de *linguísticas* no plural, bem como o uso de *linguística geral* a fim de que, enfim, possamos falar do fenômeno do aspecto vocal, o qual constitui o objetivo de interesse deste artigo. É a isso que nos dedicaremos a seguir.

4 A linguística geral ou as linguísticas?

O status da interdisciplinaridade atual no campo é tamanho que encontramos áreas de pesquisa como a *biolinguística* e a *etnolinguística*. A primeira mistura-se com questões biológicas para identificar traços das línguas humanas que potencialmente decorrem de substratos biológicos da espécie a fim de alguma caracterização em termos de DNA, molécula etc.; a segunda mistura-se com questões antropológicas e se volta ao entendimento da natureza humana em uma relação entre o homem, a língua, a cultura e a sociedade (Othero; Flores, 2023).

Diante de tantos caminhos diferentes para o linguista investigar, o termo *geral* agora tem sido utilizado novamente com frequência ao lado da palavra *linguística*, recuperando a ideia de títulos como *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, bem como *Problemas de Linguística Geral*, de Émile Benveniste. Ao discutirem acerca do significado de *geral* em *linguística geral*, Colombat, Fournier e Puech (2017) atribuem três sentidos ao tema da generalidade linguística, ressaltando que se trata de um tema que pode ser, ao mesmo tempo, um ponto de consenso e o lugar de todos os mal-entendidos.

O primeiro dos três sentidos está contido nesta citação:

No fim do século XIX, a construção saussuriana forneceria, sem dúvida, o arquétipo de uma generalidade *principial*, quer dizer, *preparado para liberar os princípios gerais de uma descrição das línguas*, quer dizer, a unidade geral, articulada, sistemática, dos princípios que permitem descrevê-los em sua própria diversidade e em seu parentesco. Essa ‘generalidade’, que não pode separar a teoria da língua de uma reflexão metodológica, epistemológica sobre o conhecimento linguístico, é muito voltada para a ampliação de compreensão mais que de extensão da ciência da língua e das ciências dos signos (Colombat; Fournier; Puech, 2017, p. 235, grifo próprio).

A partir da leitura da citação, percebemos que o primeiro sentido para tal generalidade se dá a partir da construção saussuriana e é voltado a *uma teoria de língua que relaciona reflexão metodológica, epistemológica*. Todavia, os autores contam que esse primeiro sentido concorre com o segundo sentido dado à generalidade linguística: *trata-se de uma definição mais ampla, de uma generalização tendencial*. Por fim, o último dos três sentidos precisados é o “*de se representar a atividade linguageira como manifestação concreta, real, observável dos indivíduos e dos grupos no espaço complexo e infinitamente variável de suas relações mútuas*” (Colombat; Fournier; Puech, 2017, p. 237, itálicos nossos).

Após expor tais sentidos, os autores apontam que, no final do século XIX e no começo do século XX, o tema *linguística geral* não agregou às pesquisas, pelo contrário: dispersou. Tal apontamento é feito porque, a partir desse período, para que os pesquisadores pudes-

sem exprimir a necessidade comum de um ponto de vista, tornou-se necessário uma série de esclarecimentos, visto que os pesquisadores não se entendiam mais tão facilmente sobre o que era um fato, sobre o que era linguística, sobre os meios e os métodos que permitiam dar conta (Colombat; Fournier; Puech, 2017).

Também Battisti, Othero e Flores (2022) refletem sobre o uso de *linguísticas*. Para eles, é possível utilizar o plural (*linguísticas*) ou não:

Evidentemente, nada impede que se continue usando a expressão singular “a linguística” para referir, em seu conjunto, o campo de estudos que reúne diferentes abordagens de diferentes objetos, constituídos a partir da consideração da linguagem humana. O importante é ter-se clareza de que a designação singular não pode encobrir a multiplicidade constitutiva do campo. Ou seja, cabe resguardar o direito à existência” dos vários estudos linguísticos existentes no mundo, pois é tão legítimo o ponto de vista de estudo criado por Saussure, no início do século XX, quanto aquele criado por Chomsky, na metade desse mesmo século, apenas para citar dois dos grandes expoentes do nosso tempo. Cada um mobiliza uma perspectiva própria de entendimento de linguística, de método para desenvolvê-la e de objeto a ser abordado (Battisti; Othero; Flores, 2022, p. 137).

Dito tudo isso, do que compreendemos, os autores dizem que adotar o uso de *linguísticas* ou de *linguística* não encobre a multiplicidade que já há no campo; logo, importa, realmente, a compreensão de que existe um conjunto de abordagens que constitui esse campo. Ao que nos parece, até mesmo a palavra *geral* ao lado de *linguística* está menos voltada ao dispersar – como disseram Colombat, Fournier e Puech (2017) e mais voltada ao interdisciplinar. E é a partir disso que podemos pensar nas *linguísticas* no plural. Não seria, então, esse *geral* apenas um modo de falar de cada abordagem linguística em seu singular, mas quando juntas, isto é, quando reunidas, enquanto conjunto, cada abordagem linguística passa a ser *linguísticas* no plural?

A fim de esclarecer melhor, cabe dizer que no panorama do campo linguístico atual, cada área tem sua peculiaridade e se ancora em diferentes pontos de vista. Seja essa área a linguística cognitiva, a sociolinguística ou a linguística do discurso, por exemplo: cada uma tem a sua própria abordagem e cada uma é tão diferente da outra, desde seu surgimento até sua fonte de estudo, que talvez o que as une seja meramente o fato de que elas podem se tornar linguísticas no plural quando reunidas a partir do nome *linguística geral*, o campo.

Porém, além disso, há um outro fator que entrelaça cada uma dessas linguísticas, embora nem sempre isso se faça evidente: trata-se do falante, isto é, daquele que fala. É somente a partir do falante utilizando a língua que podemos estudar a língua, independentemente do ponto de vista que se adote, ou seja, independentemente de qual área linguística se adote, pois a língua em si mesma é inacessível:² precisamos da fala. Se de algum modo chegamos perto de acessar a língua, portanto, é apenas pelo falante quando ele a utiliza em seu discurso.

Apesar disso, muitas abordagens linguísticas não parecem verdadeiramente interessadas em incluir todo o potencial que o falante tem como um parâmetro capaz de explicitar a sua relação com a língua em suas pesquisas. E tal falta de interesse se estende ao aspecto vocal desse falante. Para que possamos pensar melhor sobre tal aspecto, dedicaremos um novo item.

² Também Martin (2003, p. 54) disserta sobre isso quando explicita que somente a fala é do domínio do observável, visto que falar da língua é sempre formular hipóteses que constituem uma teoria.

5 O mutismo do aspecto vocal na linguística geral

Embora o fenômeno do aspecto vocal pareça um tema que deveria interessar a todo linguista, afinal, estamos falando da voz humana, independentemente de qual ponto de vista teórico, a realidade é que há uma ausência de interesse por tal aspecto no campo linguístico. Em outros campos, porém, percebemos que existem mais trabalhos, visto que o aspecto vocal está nos estudos literários (Josse, 2016); filosóficos (Agamben, 2006; Cavarero, 2011); estéticos (Blanchot, 2011); sociais (Jungzo, 1998); entre outros.³ Para Flores (2019), essa presença do aspecto vocal em outros campos na medida em que se faz ausente do campo linguístico denomina-se um *transbordamento disciplinar*.

Há, contudo, poucos trabalhos no campo linguístico voltados ao aspecto vocal que precisam ser assinalados, como Fonagy (1983). Também na fonética e na fonologia, por exemplo, temos estudos como os de prosódia (Oliveira Junior, 2022) ou estudos como os de produção da fala (Marchal; Reis, 2012) voltados à análise acústica, à articulação, ao fonema, ao suprassegmental etc. Já na linguística do discurso, há também os trabalhos de Pedro de Souza (2000) e de Carlos Piovezani (2009). Souza (2000) investiga, basicamente, a voz e a subjetivação na palavra cantada; Piovezani (2009) analisa vozes de sucesso veiculadas pela mídia brasileira contemporânea, bem como sentidos do discurso político brasileiro.

Entretanto, a pouca concentração de trabalhos linguísticos sobre o aspecto vocal, atualmente, pode ser encontrada, em sua maioria, na fonética e na fonologia – principalmente quando falamos do âmbito brasileiro de interesse sobre tal aspecto. Nesses trabalhos, o olhar para o aspecto vocal costuma se resumir ao seu sistema fonológico e ao que é tangível desse aspecto, como descrições articulatórias, auditivas, entre outras características. Mas e quanto à especificidade que há no aspecto vocal de cada falante, por que quase nenhuma área linguística se interessa em abordá-lo a partir do seu próprio ponto de vista?

Obviamente, o aspecto vocal carrega uma identidade com ele, caso contrário, ouviríamos todas as pessoas enunciando da mesma maneira. E essa identidade se presentifica no seu discurso sempre que o falante faz uso de sua língua. Contudo, os estudos linguísticos, de maneira geral, não se deixam tocar pelo que o falante tem a apresentar em relação a isso, isto é, em relação ao que o aspecto vocal e sua manifestação discursiva tem a apresentar.

Flores (2019) reflete acerca disso e de outras questões do falante porque aborda temas gerais de linguística ao expor uma antropologia da enunciação, isto é, o saber sobre o homem que advém do fato de o homem falar – expressar-se verbalmente. Trata-se do dizer do homem acerca da presença da língua nele. Para o autor, os estudos linguísticos desviam, em suas abordagens, da realidade do falante em favor de uma abstração, visto que não estão interessados em incluir o falante, consequentemente, excluem o aspecto vocal desse falante das análises linguísticas.

Ao que nos cabe, é de se questionar o distanciamento que, justamente, o campo da linguagem, que parece tão diretamente relacionado ao fenômeno do aspecto vocal, tenha quando se trata de incluir tal fenômeno vocal em suas áreas de pesquisa. Não seria possível, entretanto,

³ Algumas referências importantes são Jacques Derrida, com sua obra denominada “A voz e o fenômeno: uma introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl” (1994); Herman Parret, com “La voix et son temps” (2002); Paul Zumthor, com “Introdução à poesia oral” (2010); David Le Breton, com “Eclats de voix: une antropologie des voix” (2011); etc.

que cada área de pesquisa permitisse, dentro de seu próprio ponto de vista, um estudo sobre o aspecto vocal? Parece-nos que sim e é justamente isso que defendemos aqui: o aspecto vocal é um fenômeno que deveria interessar ao linguista de qualquer área do campo linguístico.

Abordaremos o aspecto vocal, de nosso ponto de vista a partir da linguística de Benveniste, conforme demonstraremos brevemente a seguir.⁴

6 O aspecto vocal do ponto de vista enunciativo

Estudar um fenômeno como o aspecto vocal nada mais é do que estudar aquilo que Benveniste proferiu em seu artigo “Da subjetividade na linguagem” (2005/1966 [1958]) como “um homem falando com outro homem e a linguagem ensina a própria definição de homem” (Benveniste, 2005/1966 [1958], p. 258). O que o linguista nos ensina, com suas palavras, é que o que encontramos no mundo é um homem que só pode ser homem porque tem linguagem, já que esta o define. Encontramos, assim, um homem que *fala* com outro homem. O autor nos permite, ao colocar o homem enquanto falante no centro de sua reflexão, colocar também o aspecto vocal entrelaçado a isso, afinal, é na relação entre o aspecto vocal e o homem que a fala se dá.

Já em seu artigo denominado “O aparelho formal da enunciação” (2006/1974 [1970]), Benveniste sintetiza muito do que já disse acerca da enunciação, em anos anteriores, definindo-a enquanto um “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2006 [1970], p. 82). Em seguida, o linguista afirma ainda que a enunciação pode ser estudada sob diversos aspectos, mas elenca apenas três deles, sendo o primeiro o aspecto vocal:

O mais imediatamente perceptível e o mais direto – embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação – é a realização vocal da língua. Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais, como processo de aquisição, de difusão, de alteração – são outras tantas ramificações da fonética – procedem sempre de atos individuais, que o linguista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala. Na prática científica procura-se eliminar ou atenuar os traços individuais da enunciação fônica recorrendo a sujeitos diferentes e multiplicando os registros, de modo a obter uma imagem média de sons, distintos ou ligados. Mas cada um sabe que, para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe. Estas diferenças dizem respeito à diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida (Benveniste, 2006/1974 [1970], P. 82-83).

Embora Benveniste não tenha continuado a refletir sobre o aspecto vocal em seus artigos, podemos constatar as possibilidades prospectivas de análise que o linguista nos deixa até mesmo com essa citação, já que estamos falando de “sons emitidos e percebidos” que

⁴ Na linguística da enunciação, já encontramos alguns trabalhos de base teórica benvenistiana acerca do aspecto vocal, tais como a tese de doutorado de Daiane Neumann (2018) intitulada “Em busca de uma poética da voz”; a tese de doutorado de Marlete Diedrich (2015) “Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem”; o artigo de Valdir do Nascimento Flores (2015) “O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação”; entre outros.

"procedem sempre de atos individuais". Seria, assim, o aspecto vocal equivalente a um som? Ao que nos parece, o ponto de vista enunciativo não nos permite interpretar tal frase deste modo, visto que a enunciação está mais voltada para o ato de dizer do que para o produto do ato. Dessa forma, o som estaria mais voltado para o produto e o aspecto vocal para o ato de dizer. Logo, consideramos que o som é apenas o veículo o qual serve de suporte para o aspecto vocal e que ambos não são sinônimos.

Contudo, ainda nesse pequeno trecho citado, o próprio autor demonstra perceber que a prática científica procura eliminar ou, ao menos, atenuar, o que é individual quando se trata do aspecto vocal. A sua continuação a essa percepção é crucial, pois o linguista afirma que, apesar dessa procura científica, cada falante sabe que os mesmos sons – os quais aqui consideramos os enunciados – não são jamais reproduzidos da mesma maneira.

Do nosso ponto de vista, parece que Benveniste constata o quanto o aspecto vocal está além da sua materialidade corporal, apresentando a sua capacidade enunciativa de ser noção de identidade individual. Evidentemente, não podemos apresentar o que Benveniste pensou acerca do aspecto vocal como uma afirmação. Entretanto, de nossa parte, seguindo o norte benvenistiano de reflexão, afirmamos que compreendemos o aspecto vocal como um momento da enunciação⁵ em que há uma relação de unicidade. Nesse sentido, entendemos que "sons" não sustenta tudo o que a especificidade vocal pode significar, mas dá indícios do que há de único quando se trata da voz de cada falante.

Assim, o que buscamos demonstrar no presente item, de norte enunciativo, o qual rege nosso ponto de vista, é que, na realidade, o fenômeno do aspecto vocal deveria interessar ao linguista de qualquer área do campo linguístico. A seguir, ilustraremos outras possibilidades de pesquisa para outras áreas linguísticas a fim de incentivar o fomento de interesse pelo fenômeno do aspecto vocal em nosso campo.

7 Outros caminhos linguísticos para o aspecto vocal

Considerando a amplitude já dita do campo do qual o linguista faz parte hoje, a diversidade das áreas linguísticas – como a linguística aplicada, a linguística cognitiva etc. – apenas salienta o quanto é possível pesquisar o aspecto vocal a partir de diferentes pontos de vista, posto que se trata, como já dissemos, de um fenômeno que deveria interessar ao linguista de qualquer área. Portanto, neste momento, apresentaremos, resumidamente, dois trabalhos referentes ao aspecto vocal de diferentes áreas linguísticas como forma de incentivar estudos que possam ser desenvolvidos acerca desse fenômeno.

O primeiro deles é da linguística forense, a qual se considera uma subdisciplina da linguística aplicada. Sendo o foco da linguística aplicada a perspectiva da linguagem em uso e na prática localizada, situada para a resolução de problemas, faz sentido que a linguística forense se relacione à linguística aplicada. Isso porque a linguística forense é uma área nova que investiga e analisa a linguagem em todos os tipos de interação no contexto jurídico, muito atuante, principalmente, em países de língua inglesa.

⁵ Flores (2019), constata ainda o caráter paradoxal enunciativo: a enunciação pode ser geral e, ao mesmo tempo, singular. Ela é geral na sua forma, mas singular na sua manifestação. Consequentemente, essa reflexão, conforme o autor bem aponta, estende-se ao aspecto vocal da enunciação.

Nessa área, um trabalho importante foi a procura da Scotland Yard inglesa por peritos ou peritos linguistas que pudessem desvendar o sotaque do terrorista do Estado Islâmico que decapitou um jornalista americano. Embora o terrorista estivesse com uma vestimenta que cobria todo o seu rosto, quando essa pessoa colocou a língua em utilização, através da fala, o seu aspecto vocal o identificou: o perito linguista percebeu, então, que se tratava de um britânico, ex-morador de Londres. A proveniência linguística prevaleceu, então, ainda que a pessoa estivesse até mesmo com a sua face oculta. (Othero; Flores 2023).

Trabalhos como esse, dedicados ao exame de linguagem como prova e evidência, são muito comuns em alguns países, tais como Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra. Contudo, são pouco aceitos pelo contexto jurídico brasileiro, o que apenas reforça a necessidade de desenvolvimento de pesquisa na área da linguística forense e de divulgação também, a fim de que se comprove a sua verdadeira relevância também no âmbito do direito e da justiça. Para além da necessidade do crescimento da área, trabalhos como esse também reforçam o quanto a pesquisa sobre o aspecto vocal é importante para diferentes áreas, sendo uma delas a linguística forense.

Outro trabalho interessante é o que a neurociência faz. Ao contrário do que comumente se pensava, uma equipe de neurociência foi capaz de mostrar que o aspecto vocal, enquanto sinal, não é tratado por uma zona específica do lobo temporal, mas que diferentes regiões do cérebro trabalham conjuntamente para identificar todos os sons que nos chegam. Dessa maneira, o trabalho em conjunto do cérebro permite adotar comportamentos adaptados às situações, às demandas, aos perigos da situação (Maliska, 2015).

Esse estudo neurocientífico coloca em questão os modelos baseados na especialização funcional do cérebro, pois a equipe de tal estudo demonstrou que o nosso cérebro não trata os diferentes ruídos na mesma velocidade, o que incita a pensar, ao menos, por qual razão o aspecto vocal pode se distinguir de outras sinalizações no cérebro e como a linguagem se relaciona nisso. Trata-se, assim, de uma pesquisa que pode servir de interesse à neurolinguística, área dedicada justamente à investigação da atividade cerebral da linguagem, elaboração da linguagem, entre outras especificidades.

8 Conclusão

É chegada a hora de concluir, mas antes gostaríamos de retomar os pontos principais vistos até aqui. Em síntese, percebemos que a epistemologia, assim como a linguística, não é unânime e que é preciso adotar um ponto de vista para ambas. O nosso ponto de vista segue o norte enunciativo benvenistiano, o qual mostra reflexões amplas sobre a teoria da linguagem em uma relação que nos ensina que o homem está na língua. Contudo, é possível também seguir muitos outros nortes além desse, pois vimos que muitas são as áreas linguísticas que, quando reunidas, constituem o campo do qual, neste estudo, optamos por chamar de linguística geral.

Nesse sentido, passamos a questionar o que também entrelaça tais áreas linguísticas e chegamos, assim, ao falante e ao aspecto vocal desse falante: todas as áreas, a partir dos seus próprios pontos de vista, poderiam pesquisar acerca do aspecto vocal, pois se trata de um fenômeno de linguística geral. Apesar disso, como vimos, a maioria das áreas linguísticas procura se distanciar desse aspecto e daquilo que escapa à regularidade científica a fim de excluir o que diz da individualidade do falante; logo, de maneira geral, um estudo que investigue a unicidade do aspecto vocal não tem sido acolhido no campo linguístico do nosso país.

Finalmente, os dois estudos que apresentamos brevemente, em nosso último item, apenas demonstram o quanto o aspecto vocal pode ser estudado a partir de outros pontos de vista linguísticos, isto é, a partir de outras áreas linguísticas, em nosso país. Isso porque o primeiro deles é um estudo de linguística forense bastante pertinente e totalmente relacionado ao aspecto vocal, que, conforme vimos, é requisitado em outros países, especialmente no contexto jurídico, mas no Brasil ainda não tem a devida legitimação. Já o segundo deles serve como uma proposta de um estudo pensado em uma área não linguística, mas neurocientífica; todavia, que pode ser adaptado para uma área linguística em função da sua relação com o aspecto vocal e de haver área linguística interessada em características da neurociência, tal qual é a neurolinguística.

De qualquer maneira, trouxemos, enfim, outros olhares acerca do aspecto vocal também como forma de inspiração ao campo linguístico como um todo no país. Sobretudo, como um modo de acentuar o nosso objetivo de defender que o aspecto vocal seja compreendido enquanto um fenômeno que deveria interessar ao linguista de qualquer área do nosso campo.

Referências

- AGAMBEN, G. *A linguagem e a morte: um seminário sobre a negatividade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BATTISTI, E.; OTHERO, G.; FLORES, N. V. *Conceitos básicos de linguística: noções gerais*. São Paulo: Contexto, 2022.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. 2^a ed. São Paulo: Pontes, 2005 [1966].
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II*. 5^a ed. São Paulo: Pontes, 2006 [1974].
- BENVENISTE, É. (1970). *O aparelho formal da enunciação*. In: BENVENISTE, É. (2006). *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 2006.
- BLANCHOT, M. *Uma voz vinda de outro lugar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CAVARERO, A. *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*. 2^a ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- COLOMBAT, B.; FOURNIER, J. M.; PUECH, C. *Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.
- DERRIDA, J. *A voz e o fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl/Jacques Derrida*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- DIEDRICH, M. *Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*, 2015, 148 f. Tese de doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- FLORES, N.V. *O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação*. Working Papers em Linguística, Florianópolis. v.19, n.2 p.35-53, jan./jun 2015.
- FLORES, N. V. *Problemas gerais de linguística*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- FÓNAGY, Ivan. *La vive voix*. Paris: Payot, 1983.
- JOSSE, G. *Des vives voix*. Paris: Le Temps qu'il fait, 2016.

- JUNGZO, K. *La voix – Étude d`ethno-linguistique comparative*. Paris: Éd. De L`École des Hautes Études em Science Sociales, 1998.
- LE BRETON, D. *Éclats de voix. Une anthropologie des voix*. Paris, Éditions Métailié, 2011.
- MALISKA, M. E. *A voz na psicanálise: suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura*. Curitiba: Juruá Editora, 2015.
- MARCHAL, A.; REIS, C. *Produção da fala*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- MARTIN, R. *Para entender a linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- MILNER, J. C. *Introdução a uma ciência da linguagem*. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- NEUMANN, D. *Em busca de uma poética da voz*, 2018, 175 f. Tese de doutorado, Faculdade de letras, Universidade Federal do Rio Grande do sul, Porto Alegre, 2018.
- OLIVEIRA JR, M. *Prosódias, prosódia: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2022.
- OTHERO, A. G.; FLORES, N. V. *A linguística hoje: múltiplos domínios*. São Paulo: Contexto, 2023.
- PARRET, H. *La voix et son temps*. Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2002.
- PIOVEZANI, C. *Verbo, corpo e voz – Dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político*. São Paulo: Unesp, 2009.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- SOUZA, P. *A escrita e a voz: limiares entre o eu e o corpo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.